

Aula 10

PROFESSOR: UM APRENDIZ

META

Apresentar experiências vividas em sala de aula a fim de promover a reflexão acerca dos modos de aprender-ensinar-aprender.

OBJETIVOS

Ao final da aula o aluno deverá:
discutir a importância de considerar as vivências dos alunos como ponto de partida e de chegada para reflexões no processo de ensino e de aprendizagem.

Gicélia Mendes
Luiz Carlos Sousa Silva

INTRODUÇÃO



Caro aluno,

Mais uma vez farei o relato de uma experiência que vivi muito recentemente, como professora, em uma das turmas de Cartografia Temática do Curso de Geografia da UFS. Esta experiência é trazida como exemplo aqui nesta aula para que nós professores e futuros professores compreendamos o quanto é importante considerar as experiências vividas por nossos alunos e o quanto podemos aprender com eles e as experiências que carregam consigo. Por isso, o título desta aula é “Professor: aprendiz”. Somos professores e aprendizes todos os dias, desde que nos coloquemos nestas posições de modo consciente e aberto às transformações por que passa o mundo. É o exercício constante de aprender e reaprender.

Esta última aula será baseada nestes aprendizados que vivi. O convite desta vez é para você se colocar na posição de aprendiz, todos os dias.

Vamos lá?

PROFESSOR: UM APRENDIZ!

O saber se faz através de uma superação constante. O saber superado já é uma ignorância. Todo saber humano tem em si o testemunho do novo saber que já anuncia. Todo saber traz consigo sua própria superação. Portanto, não há saber nem ignorância absoluta: há somente uma relativização do saber ou da ignorância.

Por isso, não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo. (É preciso saber reconhecer quando os educandos sabem mais e fazer com que eles também saibam com humildade) (FREIRE, 1979, p. 29)

Vamos, então, ao relato de minha experiência na turma de Cartografia Temática. Digo minha experiência mas acredito que a experiência foi válida tanto para mim quanto para o aluno que a vivenciou comigo.

Em um dia desses, no final da aula, um aluno aproximou-se de mim e retirou da mochila um mapa que me apresentou como de elaboração sua. Fiquei bastante interessada em ver o desenho e, após ele ter esticado o material sobre a mesa apressei-me em fazer alguns comentários (como parece ser o impulso da maior parte dos professores). Veja o mapa (Figura 02) e, em seguida, o que eu disse:

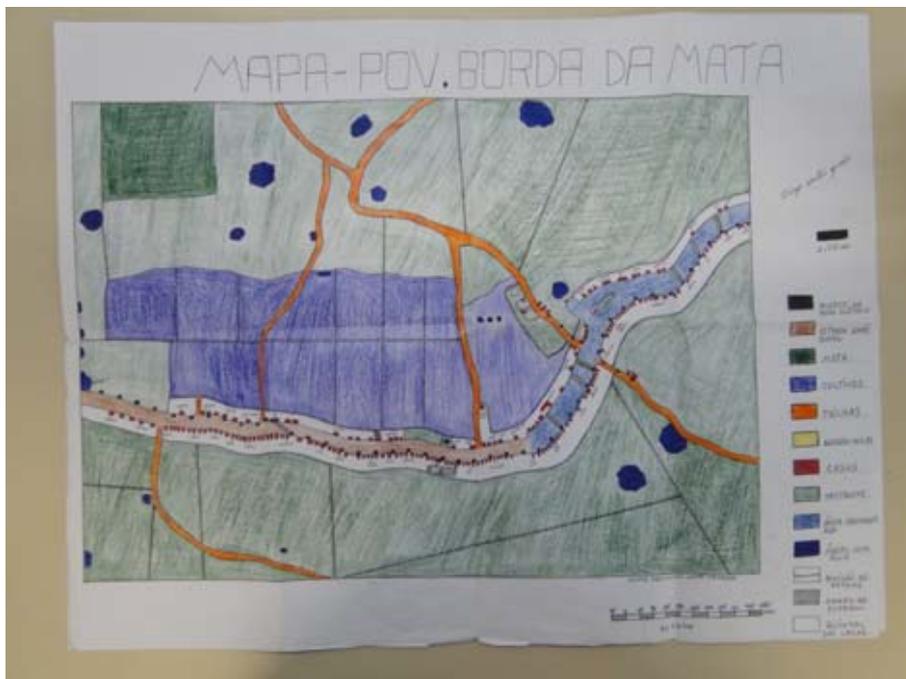


Imagem do Mapa Povoado Borda da Mata, produzido por Diego Santos Garção, aluno do curso de Licenciatura em Geografia/UFS.

Fonte: Arquivo fotográfico dos autores, 2013.

Ao ver o mapa de Diego fiz elogios ao seu talento ao desenhar e, em seguida, disse que apesar de o desenho estar muito bom, ele precisava, nas próximas produções, colocar em prática o que estava aprendendo em Cartografia Temática. Fiz uma série de observações acerca da legenda, da escala, do uso das cores, das formas de implantação, do uso das variáveis visuais, das propriedades perceptivas, etc. etc. Imediatamente notei no semblante de Diego certo desapontamento. Percebendo isso, voltei a elogiar o seu talento mas não recuei no que havia dito sobre a necessidade de nas próximas produções ele utilizar “corretamente” a técnica e tudo que eu estava “ensinando” na disciplina.

Diego dobrou o mapa, colocou na mochila e foi embora. Não sei o que passou pela cabeça dele após a nossa conversa mas, na minha, felizmente, ficaram fervilhando o que eu disse e o modo como ele reagiu. Passados alguns dias, no final da aula, voltei a falar com Diego e pedi a ele novamente o mapa. Ele abriu a mochila e me entregou. Estendi o mapa sobre a mesa e comecei a conversar com ele dizendo que a primeira leitura que eu havia feito do mapa não havia sido, de todo, correta porque deixei de considerar pontos importantes e muito significativos do que estava ali representado. Disse a ele que a análise que eu havia feito pautou-se, unicamente, na questão da representação cartográfica técnica a partir do que está institucionalmente estabelecido como válido e que, se ele permitisse, gostaria de utilizar o mapa que ele produziu para exemplificar esta nossa reflexão. Para minha satisfação, Diego autorizou a utilização da sua produção como exemplo e é a partir dela, que iremos conversar com você nesta aula que deseja ser, também, um ponto de reflexão para que nós professores abramos os nossos olhares para as diversas formas de aprender e ensinar.

Atitudes como estas servem para nos chamar a atenção e vermos o quanto “estamos presos historicamente, em grande medida devido ao processo de escolarização, à linguagem cartográfica, sua verdade e seu processo educativo e então nos anestesiemos para outras possibilidades de se pensar o espaço e de “apresenta-lo” de outras maneiras” (VARGAS, et all, 2011, p. 273).

Para além das questões técnicas, há outras muito significativas que mostram, na prática, aquilo que vimos conversando ao longo desta no que diz respeito à importância do espaço vivido, do percebido e do concebido. A importância de nos sentirmos pertencentes ao mundo e, a partir daí, sentirmo-nos em condições de atuar sobre ele. No mapa de Diego é possível ver que ele tem uma profunda relação com o local onde vive, o Povoado Borda da Mata, no município de Nossa Senhora das Dores- SE.

Quando damos um “zoom” sobre o mapa é possível perceber a proximidade que Diego tem com o seu lugar e as relações de amizade e parentesco com as quais ele tem contato, todos os dias. Ele representa e nomeia a casa de alguns parentes e de pessoas de seu relacionamento mais próximo. Observe que ele não coloca nomes em todas as casas, mas apenas naquelas

nas quais residem pessoas com as quais tem relacionamento amical ou de parentesco. (Figuras a seguir)

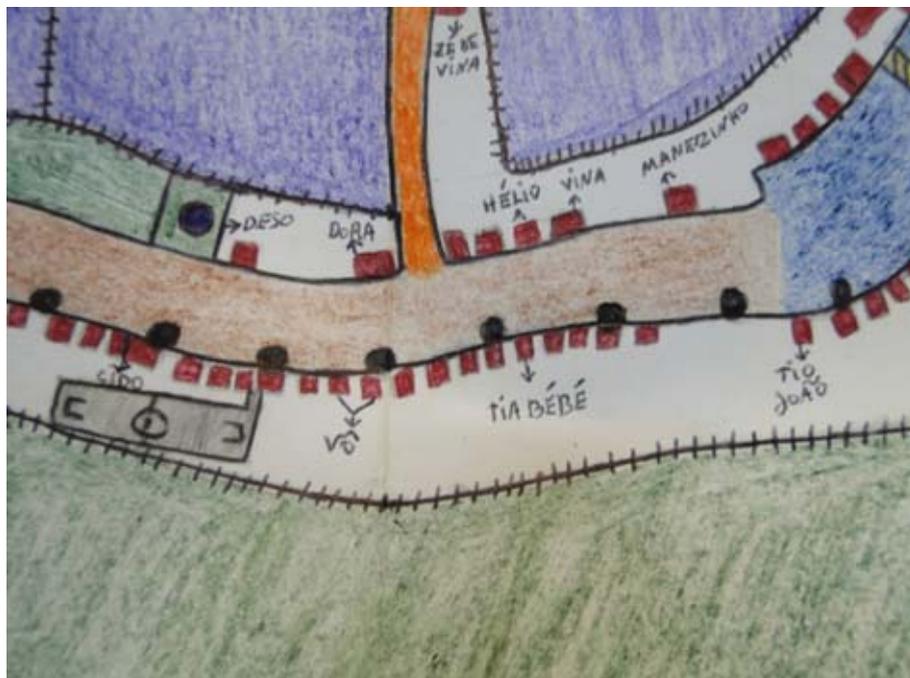


Imagem parcial do Mapa Povoado Borda da Mata, produzido por Diego Santos Garção, aluno do curso de Licenciatura em Geografia/UFS.
Fonte: Arquivo fotográfico dos autores, 2013.



Imagem parcial do Mapa Povoado Borda da Mata, produzido por Diego Santos Garção, aluno do curso de Licenciatura em Geografia/UFS.
Fonte: Arquivo fotográfico dos autores, 2013.

Vários elementos que denotam a percepção que Diego tem do seu lugar estão presentes na representação. Observe que, pela legenda, é possível identificar os elementos que ele representa em seu mapa. Aí estão cartografados elementos que indicam a forma como o espaço no povoado Borda da Mata é produzido, a partir da percepção de Diego. (Figura 05)

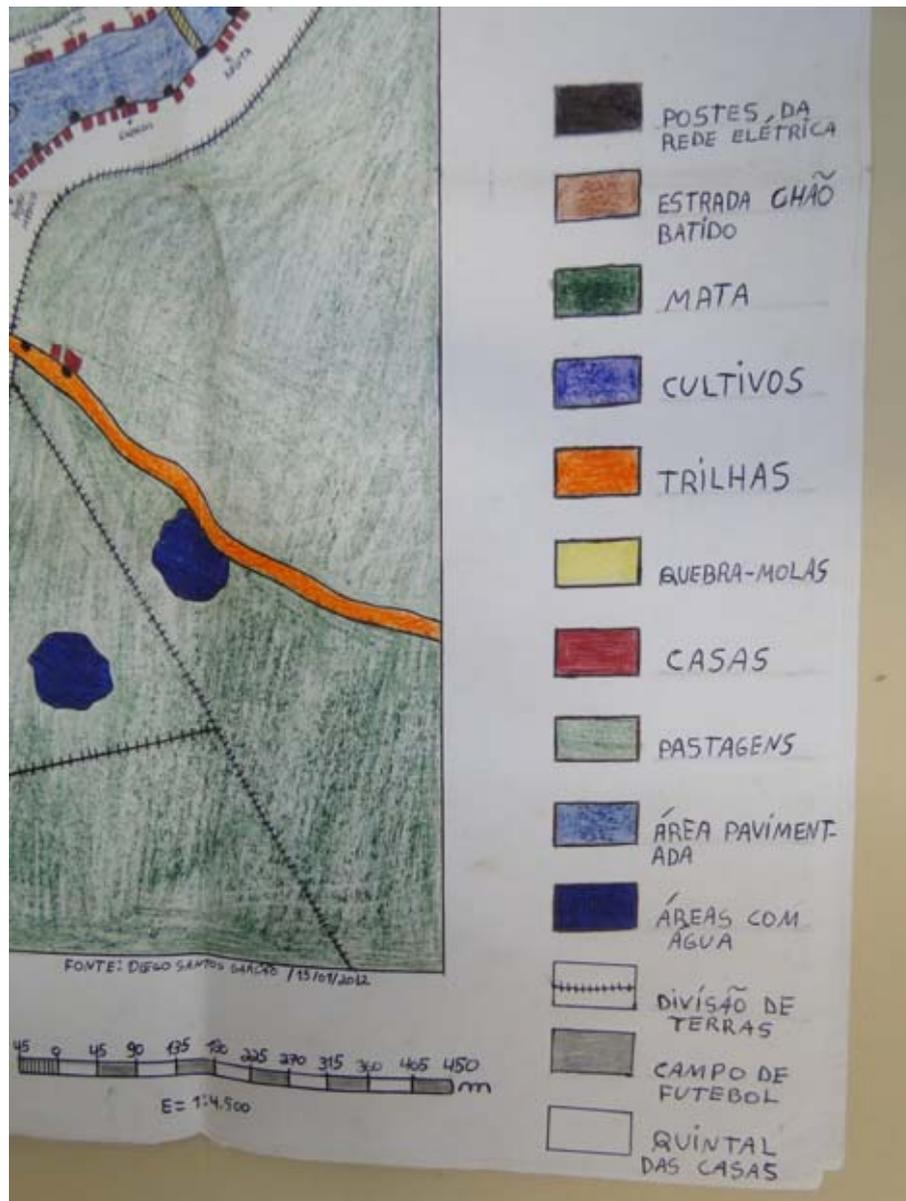


Imagem parcial do Mapa Povoado Borda da Mata, produzido por Diego Santos Garção, aluno do curso de Licenciatura em Geografia/UFS.
Fonte: Arquivo fotográfico dos autores, 2013.

Há muito ainda a descobrir na representação cartográfica de Diego, mas esta é uma tarefa que deixaremos para você, a fim de que possa refletir sobre o que iniciamos a conversar aqui.

O importante, neste momento é destacarmos e colocarmos em evidência o papel da geografia e da cartografia na formação das pessoas. A importância de partirmos dos saberes dos nossos alunos e, junto com eles, trabalharmos os conteúdos necessários a sua formação. Neste contexto, os mapas mentais têm grande relevância por trazerem elementos que são significativos para os alunos e por apresentarem, de modo bastante claro, o tipo de relação que o mapeador estabelece com o seu espaço de vivência. “Ou seja, os mapas mentais são representações que revelam como os indivíduos valoram os lugares, ao atribuir significado ou sentido ao espaço vivido”. (CASTELLAR, 2011, p. 133-134)

Quantas vezes podemos dispensar grandes oportunidades de aprender e de construir aprendizagens diversas junto com os nossos alunos simplesmente por estarmos condicionados a “ver” apenas de um modo, por apenas uma lente. E se a lente estiver embaçada? É preciso estarmos atentos a estas atitudes que podem parecer sem maiores pretensões mas que trazem resultados, às vezes, danosos para a formação dos nossos alunos. Quantas vezes somos surpreendidos positivamente por novidades trazidas por nossos alunos e que deixamos passar despercebidas por nos considerarmos os donos do saber? Será que permitimos aos nossos alunos nos questionarem sobre a nossa prática pedagógica ou que as nossas aulas e o nosso modo de agir e pensar são inquestionáveis, por terem alto nível técnico, teórico e metodológico? Pense um pouco sobre isso. Daqui a algum tempo, você será professor de Geografia!

Pois bem, aprofundar os estudos nos métodos da Cartografia Escolar pode nos ajudar a vencer estes obstáculos que impedem que o processo de ensino e de aprendizagem ocorra de modo satisfatório para todos os envolvidos.

Enfatizamos a Cartografia Escolar, mas sabemos que esta está vinculada ao que para nós professores de Geografia é o arcabouço maior no qual a Cartografia Escolar se insere: A Geografia Escolar. Considerando esta premissa, podemos fazer analogia às funções da Cartografia Escolar para a formação do cidadão, a partir do que nos diz Callai (2011) a respeito da Geografia Escolar:

Fazer educação geográfica requer o esforço de superar o simples ensinar Geografia “passando os conteúdos”, e procurar com que os alunos consigam fazer as suas aprendizagens tornando significativos para as suas vidas estes mesmos conteúdos. A Geografia ensinada na escola tem uma história e a sua complexidade advém exatamente daí, pois a Geografia escolar se constitui como um componente do currículo na educação básica, e seu ensino se caracteriza pela

possibilidade de que os estudantes conheçam a sua identidade e o seu pertencimento a um mundo em que a homogeneidade apresentada pelos processos de globalização trata de tornar tudo igual. (CALLAI, 2011, p. 15)

Isto porque o ensino da cartografia não deve basear-se única e exclusivamente em regras de cunho matemático e cartesiano, onde os cálculos e as medições são o fim principal da aprendizagem com mapas ou outra forma de representação cartográfica. (SEEMANN, 2003)

O exemplo de representação cartográfica construído por Diego traz-nos à reflexão do que podemos construir a partir da produção dos nossos alunos. Mostra-nos o quanto é importante construirmos juntos e refletirmos juntos sobre a Geografia, a Cartografia, a Cartografia Escolar, enfim, sobre a nossa atuação no mundo enquanto professores, enquanto cidadãos.

CONCLUSÃO

O saber do professor encontra eco quando associado ao saber do aluno. Juntos, o processo de ensino e de aprendizagem será significativo para ambas as partes e os resultados dele advindo contribuirão para a construção de muitos outros modos de ver, compreender e atuar sobre o mundo. A Cartografia Escolar pode contribuir de modo significativo neste processo.



RESUMO

Nesta aula vimos a importância de o professor considerar a experiência de vida dos seus alunos. A partir da produção de material cartográfico feito por um aluno do curso de Licenciatura em Geografia da UFS, discutimos alguns dos comportamentos que os professores podem ter sobre estas produções, por considerarem que a cartografia que se utiliza de técnicas normatizadas é a única e a mais eficiente forma de representação do espaço geográfico.



ATIVIDADES

Comente o mapa do “Povoado Borda da Mata”, destacando os pontos que você considere significativos, a partir dos conhecimentos que adquiriu ao cursar as disciplinas Cartografia Básica, Cartografia Temática e, agora, Cartografia Escolar.

COMENTÁRIOS SOBRE AS ATIVIDADES

Ao analisar as figuras, procure atentar para os pontos significativos, sem preocupar-se com a correção técnica da produção. A intenção da atividade é levar você a refletir sobre as diversas formas de representação do espaço geográfico.



AUTO-AVALIAÇÃO

Como entendo a capacidade de o professor colocar-se na posição de aprendiz?

REFERÊNCIAS

- CALLAI, Helena Copetti. Em busca de fazer a Educação Geográfica (Apresentação). In: CALLAI, Helena Copetti. (org). **Educação Geográfica: reflexão e prática**. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.
- CASTELLAR, Sonia Vanzella. A Cartografia e a Construção do Conhecimento em Contexto Escolar. In: **Novos rumos da cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- SEEMANN, Jorn. Mapas, mapeamentos e a cartografia da realidade. **Geografares**. Vitória, nº4, jun. 2003.
- VARGAS, André A.; LACERDA, Lucas do C.F; LIMA, Ludovico M.; GIRARDI, Gisele. Mapas psicogeográficos, mapas híbridos e mapas virtuais: potências educativas.